

Memorial Sites III- Vilarinho das Furnas

TC 02.36-TC 02.47

A barragem de Vilarinho das Furnas, no norte de Portugal, tomou o lugar e o nome de uma pequena aldeia que aqui existiu, até ser engolida pelas águas.

TC 02.56- 03.06

José Rodrigues

“ Nasci... lá, fui criado lá, estive lá até à idade de 20 anos, de 20 para 21, até que fui prestar o serviço militar e conheço aquilo bem, conheço aquelas coisas todas bem... ”

TC 03.07-03.19

“ Há pessoas que realmente que se deslocam a ver aquilo e, no meu entender, é digno de ser visto, tem muito que ver... porque embora ruína, mas tem muito que ver, aquilo. É uma aldeia totalmente... que foi destruída... ”

TC 03.19-03.26

“ é uma coisa que hoje não existe, mas que existiu... não é?... É uma coisa que podemos dizer... que é mesmo, é uma coisa, realmente, da história...”

TC 03.26-03.35

“ porque aquilo existia, deixou de existir e que não se voltará mais... que nunca mais voltará a existir, não é?”

TC 03.37-03.48

Nos verões mais quentes, ou nos anos de seca, quando a chuva não cai, as águas descem, e da lama escura surgem as pedras e os muros das casas de Vilarinho.

TC 03.49-03.55

As ruínas da aldeia, a descoberto, formam um cenário surpreendente e desolador.

TC 04.05-04.12

Por baixo de água, a aldeia fantasma ganha outra vida, ainda mais nostálgica e estranha.

TC 04.16-04.23

Adivinham-se as construções e imagina-se o que terá sido o quotidiano das suas gentes, antes de abandonarem Vilarinho.

TC 04.32-04.40

Deixaram para sempre a sua aldeia que desapareceu para que fosse construída a última barragem da bacia do Cávado.

TC 04.42-04.54

Texto arquivo " 1945. A produção de electricidade crescendo lentamente quase não atingia os 500 milhões de kw/hora anuais e 60% eram conseguidos através de centrais térmicas que trabalhavam a carvão. "

TC 04.54-05.03

Texto arquivo " Mas... veio 1951: entraram em funcionamento as barragens de Castelo de Bode, no rio Zêzere e de Venda-Nova, no rio Cávado. "

TC 05.03-05.17

No final da segunda guerra mundial, o governo português, o Estado Novo, regime ditatorial lança os pilares do seu programa de electrificação nacional, e a palavra de ordem passa a ser a construção de barragens para o aproveitamento hidroeléctrico.

TC 05.18-05.24

Duas grandes bacias hidrográficas são a chave deste plano, o Zêzere no centro, e no norte do país, o Cávado.

TC 05.27-05.32

As primeiras represas começam a produzir energia em 1951.

TC 05.32-05.41

No norte de Portugal, a Hica, Companhia Hidroeléctrica do Cávado ficou a dirigir as operações, e modificou uma região, pobre e rude.

TC 05.43-05.46

António Amaro

" A região aqui antes de começar a barragem era uma região muito desfavorecida. "

TC 05.47-05.53

“ Portanto, havia poucos meios de transporte... as aldeias não tinham estradas, não... tinham água, não tinham luz ”

TC 05.55-06.02

“ portanto, era uma zona... quando se queriam deslocar, normalmente era a pé, ia-se a pé para Montalegre, para a Venda-Nova...”

TC 06.03-06.09

“ mesmo havia pessoas que precisavam de se deslocar e não tinham dinheiro para a viagem, porque...”

TC 06.10-06.20

“ aqui não havia indústria nenhuma, não havia onde as pessoas pudessem ganhar algum dinheiro, viviam apenas dos produtos que a terra dava.”

TC 06.22-06.31

A barragem do Alto Rabagão, a maior das sete represas do Cavado, foi construída numa zona de agrícola, uma terra pobre, isolada do resto do país.

TC 06.36-06.42

Para que nascesse o Alto Rabagão, foi preciso inundar hectares de campos de cultivo.

TC 06.43-06.49

Regra própria de qualquer ditadura, a contestação não se exprimia, e a obra começou.

TC 06.55-06.58

A electricidade tinha que chegar ao resto do país.

TC 07.00-07.14

E para isso, ergueu-se esta barragem gigantesca, uma parede com 94 metros de altura, um paredão longo de dois mil metros, e uma albufeira com 210 quilómetros quadrados.

TC 07.19-07.22

Uma obra impressionante para marcar o tempo das barragens.

TC 07.23-07.30

Aqui, nenhuma aldeia foi sacrificada, mas nem por isso os habitantes deixaram de sofrer.

TC 07.31-07.43

António Amaro

“ Os terrenos... portanto, onde foram construídos os bairros e a própria barragem eram terrenos que eram de Friães, portanto da aldeia de Friães, de várias pessoas, eram parcelas de terreno...”

TC 07.44-08.01

“e as pessoas viram-se despojadas dos terrenos e depois viam-se numa grande diferença, porque tudo isto estava iluminado, toda a gente tinha electricidade e o lugar de Friães, que ficava ao lado, não tinha nada: não tinha estrada alcatroada, não tinha luz, não tinha água...”

TC 08.02-08.04

Mas a mágoa e a desilusão não duraram muito.

TC 08.05-08.08

Antes da barragem, esta era uma região distante de tudo.

TC 08.09-08.17

Com a construção do Alto Rabagão, muitos foram os que em vez de trabalhar a terra, ou imigrar, ficaram, empregados na Hica.

TC 08.17-08.25

Depois, veio um certo desenvolvimento, com estradas, carreiras regulares de transportes, e o mundo ficou um pouco mais pequeno.

TC 08.26-08.41

José Magalhães Calçada

“ Era bastante isolada, não é?... Isto depois melhorou muito... isto teve outra vida... depois isto a trabalhar... é preciso ver que nessa altura trabalhavam aqui, na central, talvez na ordem de 80, 90 pessoas, não é?...”

TC 08.41-08.47

“ Eram jardineiros, eram guardas, eram pintores, eram pedreiros, era tudo, não é...”

TC 08.47-08.53

“ portanto trabalhava aqui muita gente. Por exemplo, hoje trabalham meia dúzia deles, não é?... ”

TC 08.55-08.59

(Arquivo)

Tornava-se imperioso apresentar a todos o trabalho feito.

TC 08.59-09.08

No seu primeiro ano de vida, em 1957, a televisão portuguesa mostrava ao país como e onde se fazia a electricidade.

TC 09.09-09.16

Uma das sete barragens do Cavado foi escolhida como modelo para ostentar o êxito da produção de energia.

TC 09.16-09.19

A obra do regime tinha que ser enaltecida.

TC 09.19-09.23

Texto arquivo

“ Dentro da turbina está esta roda com pás. Isso mesmo! ”

TC 09.23-09.32

“ Uma turbina é uma espécie de azenha: a água cai pela conduta, faz andar a roda, a roda está ligada ao eixo, o eixo ao gerador e o gerador produz electricidade.”

TC 09.33-09.35

“ Esta é a verdade em linguagem de tu cá tu lá. ”

TC 09.36-09.41

“ Mas vamos descer à central, mesmo à sala das turbinas onde a electricidade é produzida. ”

TC 09.42-09.51

“ Em Caniçada, as melhores condições de aproveitamento conduziram a que a sala das turbinas fosse instalada abaixo do nível do solo, à profundidade de 134 metros.”

TC 09.53-09.57

" A descida no elevador demora 2 minutos e 45 segundos."

TC 09.57-10.03

" Este telefone, instalado por motivos de segurança e normalmente interno, pode ligar com qualquer ponto do país. "

TC 10.03-10.05

" Se for preciso, aproveita-se a viagem. "

TC 10.06-10.10

Hoje em dia a viagem é idêntica, talvez o seu aproveitamento não seja o mesmo.

TC 10.10-10.18

Muita coisa mudou, agora bastam poucos homens para pôr a funcionar qualquer uma destas barragens, que passaram a ser comandadas em Lisboa.

TC 10.18-10.23

O conjunto das sete albufeiras emprega agora pouco mais de 100 homens.

TC 10.23-10.32

José Magalhães Calçada

" Eu posso lhe dizer que aqui... talvez naquela altura, em plena construção, era à ordem, sem exagerar, na ordem das 10 000 pessoas, não é?. ..."

TC 10.32-10.41

" Com famílias e tudo ainda seria muito mais, portanto, isto aqui tinha várias casas, isto hoje a maior parte delas foram destruídas, não é?..."

TC 10.41-10.43

" Portanto, trabalhou aqui muita gente mesmo e vários anos... "

TC 10.44-10.48

"Isto foi uma barragem muito grande, não é?... que deu muito trabalho, não é?..."

TC 10.49-10.56

Texto arquivo

“ Trabalhando nestas serras frias e duras os empregados da hidroeléctrica necessitam do conforto para si e para a família.”

TC 10.56-11.05

“ O bairro de cidrós com 33 moradias bem urbanizadas e com um centro recreativo, frente a uma paisagem suavizante, é a melhor resposta a tais exigências de assistência social.”

TC 11.06-11.10

“ Nem falta a capela, um recanto arborizado e de que é tudo mística.”

TC 11.12-11.27

Para alojar os trabalhadores e as suas famílias, que no alto Rabagão chegaram às 15000 pessoas, a HICA construiu um bairro que mais parecia uma autêntica vila, com tudo o que os trabalhadores poderiam necessitar, desde a mercearia, até a escola.

TC 11.31-11.35

Texto arquivo

“ a e i o u, a hidroeléctrica também construiu uma escola.”

TC 11.36-11.43

Esta era uma medida social, aplicada em todas as grandes barragens, e que durou tanto quanto o próprio Estado Novo.

TC 11.52-12.00

António Amaro

“ Construíram um bairro, com umas habitações que ainda hoje tem muito boas condições, portanto, habitações muito bem conseguidas...”

TC 12.01-12.10

“ Tinham uns arruamentos fantásticos, jardins, tinham um campo de jogos, portanto, um ringue onde se praticavam desportos.”

TC 12.10-12.28

“ Havia um campo de futebol.... tinham, portanto, o CATE que era, portanto, o clube do pessoal da EDP, onde tinha jogos, bar, onde se faziam bailes e essas coisas assim...”

TC 12.29-12.30

“ realizavam-se espectáculos... ”

TC 12.31-12.52

“ Tinham o cinema, tinham o mercado, portanto, que era a praça, onde tinha talho, peixarias, frutaria, portanto, tinha mercearias, as tabernas, tinha uma estação de correios, havia hospital, com internamentos...”

TC 12.53-13.02

“ portanto... morgue, havia todas as condições essenciais para a época.”

TC 13.03-13.11

Os jardineiros, carpinteiros e engenheiros foram destacados para outras empreitadas, e o bairro moderno e confortável foi, aos poucos, descurado.

TC 13.11-13.17

Hoje as casas já pertencem aos antigos empregados da companhia de electricidade, ou a novos proprietários.

TC 13.18-13.21

A pousada é a construção mais nobre do bairro.

TC 13.21-13.30

Pertence á administração da EDP, e é considerada um marco da arquitectura modernista portuguesa, obra de Januário Godinho, também autor de todo o bairro.

TC 13.31-13.38

Era nesta pousada que ficavam hospedados os engenheiros principais e técnicos superiores que não tinham casa distribuída.

TC 13.39-13.44

Foi durante um tempo o caso do primeiro médico a ser chamado, com outro colega, para tratar os trabalhadores.

TC 13.45-14.14

José Souto

“ Apareceu em 57 uma gripe, chamada gripe asiática, que fez com que muitos doentes de silicose, que é uma doença profissional, morressem, sem qualquer assistência médica, e juntamente com isso, pois, levou muitos a querer morrer e serem tratados na terra, portanto, houve uma saída em quase que em massa dos trabalhadores de Paradela do Rio para as suas terras.”

TC 14.15-14.24

“ O que é certo é que sem mão de obra, sem trabalhadores, não se podia ultimar essa segunda fase da barragem. ”

TC 14.24-14.31

“ De maneira, que é lógico, para se tratar doentes, é lógico que havia necessidade de montar uns serviços médicos e foi assim que aparecemos cá em cima. ”

TC 14.32-14.37

Uma vez a obra acabada, a maioria dos trabalhadores arrancava para outro estaleiro.

TC 14.38-14.42

O Alto Rabagão entrou em serviço em 1964.

TC 14.42-14.46

Mas a HICA e o país precisavam de mais energia.

TC 14.46-14.49

No extremo oeste do Cávado encontrava-se o terreno certo.

TC 14.49-14.55

Estaleiro e homens iam deslocar-se para terras de Bouro, para ali construir a última barragem da bacia do Cavado.

TC 14.55-15.00

Em nome do progresso, iam acabar com uma pequena aldeia, a de Vilarinho das Furnas.

TC 15.01-15.07

Os habitantes, no seu canto isolado e agreste tentaram resistir ao invasor. Em vão.

TC 15.08-15.31

João Rodrigues

"Nós tínhamos lá uma santinha, uma Senhora da Conceição e outros santos, mas a Nossa Senhora da Conceição era a nossa advogada, a nossa protectora, a gente fazia promessas "...e a Nossa Senhora da Conceição há de nos valer... ainda não virá, porque isto..." não sei quantos e não sei quê, até que... aquilo ia avançando e a gente foi-se... teve de se convencer mesmo à força. "

TC 15.31-15.47

As preces não foram atendidas, o anúncio de que as obras iam começar não tardou, editais afixados nas portas preveniam as pessoas para deixar as suas casas até trinta de Novembro de 1970, dia em que iam encher a albufeira.

TC 15.47-15.54

Os projectos de engenharia já estavam traçados, e á população só lhe restava resignar-se.

TC 16.01-16.07

Eram as suas casas, a sua terra, e o seu modo de viver peculiar que esta gente ia perder.

TC 16.07-16.15

Como para os lados do Alto Rabagão, aqui o principal rendimento vinha da agricultura, do pasto, dos animais, da vinha, do milho.

TC 16.16-16.21

Mas o que tornava Vilarinho numa aldeia diferente das outras era a vida comunitária.

TC 16.21-16.27

As tarefas e os trabalhos do campo eram partilhados, o que fazia um, todos faziam.

TC 16.45-16.51

Ajudavam-se entre vizinhos, para semear o milho, para as vindimas, ou para malhar o centeio.

TC 16.52-17.00

Um apoio vital numa aldeia que tinha de se auto sustentar, abrigada na montanha mas cortada do resto do país.

TC 17.03-17.08

José Rodrigues

" Aquilo era uma terra, como se costuma dizer, produzia-se... bastante, ali se vivia..."

TC 17.10-17.21

" do tempo da terra não faltava nada precisamente do que diz respeito ao toucinho, boas sebas, animais, criava-se, matava-se, consumia-se... aquele regime, como sabemos, comunitário."

TC 17.22-17.28

" Era uma terra realmente muito escrava, de trabalho, no trabalho, mas ao fim acabava por ser mimosa, precisamente na alimentação."

TC 17.28-17.33

" Porque havia tudo, havia de tudo. Havia os bons gados, havia de tudo. "

TC 17.34-17.36

A vida comunitária tinha as suas leis.

TC 17.36-17.50

E para que fossem cumpridas, havia uma assembleia semanal representada por um membro de cada família, presidida por um juiz, escolhido rotativamente entre os homens casados, por um mandato de seis meses.

TC 17.51-17.56

Em conjunto tomavam as decisões que diziam respeito á comunidade.

TC 18.04-18.20

Manuel Antunes

“Cada família nomeava o seu representante e, normalmente, às quintas-feiras juntavam-se para analisar os problemas que se punham à colectividade, para tomar as suas decisões e depois cumpria-se de acordo com o que fosse ali decidido por maioria...”

TC 18.20-18.22

Sofia Leite

“ Mas que tipo de decisões é que tomavam? ”

TC 18.22-18.32

Manuel Antunes

“ Tomavam-se as decisões mais simples desde a reparação de caminhos até... a maneira de guardar os gados, as vezeiras... as vezeiras porque as pessoas vinham com os gados à vez, rotativamente.”

TC 18.32-18.46

“ A primeira vez que fui para as vezeiras, pensei que ia a caminho do céu, porque a gente estava cá em baixo naquela cova, por isso é uma grande furna, e então fui com o meu avô... Tinha para aí os meus 4 ou 5 anos e fui guardar com ele os gados para o Vidual, para a cabana do Vidual.”

TC 18.47-18.55

A organização comunitária de Vilarinho, que permaneceu até ao fim, tornou-a motivo de várias investigações e trabalhos académicos.

TC 19.00-19.10

Jorge Dias, um dos mais reputados etnólogos portugueses, publicou nos anos cinquenta um livro em que descreve minuciosamente a vida dos seus habitantes.

TC 19.12-19.19

Com o arranque da barragem, e o seu fim à vista, a pequena aldeia tomou uma nova dimensão, e despertou o interesse a centenas de curiosos.

TC 19.20-19.26

António Campos, cineasta português, realizou este filme etnográfico em 1970.

TC 19.26-19.35

Instalou-se doze meses na aldeia para registar o último ano de vida de Vilarinho e acompanhou os seus habitantes até à última despedida.

TC 19.36-19.40

Teresa Trigo

" Foram 24 tractores, saíamos de manhã e vínhamos à noite."

TC 19.41-19.48

" Por exemplo, vínhamos à noite, ficávamos aqui e de manhã carregávamos o tractor e trabalhávamos noutras coisas, não é, que era preciso... "

TC 19.50-19.57

" tirar os telhados, tirar a madeira e isso ocupava o dia todo e à noite vínhamos no tractor para aqui. "

TC 19.57-20.12

" De manhã tornávamos a ir... era assim uma... quase que nós saímos quase como quem anda a brincar... não tivemos aquela coisa de dizer assim *carregamos e voltamos as costas ao lugar e... pronto até logo...* Até nunca mais!"

TC 20.14-20.20

" Pode-se lá ir, mas viver... quem carregou e saiu nunca mais foi para lá viver. "

TC 20.20-20.24

Viviam nessa altura cerca de 240 pessoas em Vilarinho.

TC 20.25-20.31

Ao sair, tentaram levar tudo o que podiam, roupa, móveis, até as traves do telhado e as pedras das casas.

TC 20.34-20.41

Receberam indemnizações pelas casas e terrenos, tiveram de aceitar o valor proposto pela HICA com resignação.

TC 20.41-20.49

Só depois da revolução de Abril de 74 é que se fazem ouvir as primeiras vozes de dissonância a solicitar reparação.

TC 20.49-20.56

(Arquivo) Joaquim Barroso "...e eu acabo por dizer que eles foram avaliadores, vendedores e compradores... foi tudo ao gosto deles. Deram aquilo que eles entenderam"

TC 20.56-21.26 Machado Lima

(Arquivo)"...os contactos com a população de Vilarinho é feito por um gabinete das expropriações e indemnizações, de maneira que os terrenos são avaliados, além do valor real, geralmente nasce um valor superior, valor estimativo e creio que foram pagas, nessa base, que foram pagas, como não só superior, mas também acrescidas do valor estimativo... Julgo que a população que não ficou mal contente com o processo das expropriações."

TC 21.26-21.40 Manuel Antunes

" As indemnizações que tiveram aqui em Vilarinho foi, na altura, eu fiz as contas, porque dei-me ao trabalho medir todas as terras do meu pai, e por isso fiz mais ou menos as contas, dava, incluindo as casas de habitação, os moinhos, essa coisa toda, uma média de 5\$00 por metro quadrado."

TC 21.40-21.57

" Se tirarmos as casas de habitação, tudo o que é construção, ficamos apenas com os terrenos, dava em média 1\$00 por metro quadrado, ou melhor 0\$50 por metro quadrado e nessa altura uma sardinha já custava 1\$00, portanto tiveram de dar o equivalente a dois metros quadrados para ter o que equivalia na altura a uma sardinha. "

TC 21.57-22.00

"Deram pela aldeia toda uns 22000 contos."

TC 22.02-22.07

Terá sido menos que o custo do bairro que a HICA mandou construir para alojar os seus empregados.

TC 22.08-22.16

As construções não tiveram o esplendor das casas da barragem do Alto Rabagão, e depois da obra estar concluída, foram deixadas ao abandono.

TC 22.25-22.33

A barragem de Vilarinho foi inaugurada com grande pompa em Maio de 1972, pelo então chefe de governo, Marcelo Caetano.

TC 22.47-23.04

Os habitantes da aldeia tinham que encontrar nova casa, uma nova terra, e habituar-se a viver de forma diferente, iam ter que esquecer os fortes laços de vizinhança, o comunitarismo, conformar-se com o facto da sua aldeia estar submersa pela albufeira.

TC 23.05-23.14

José Rodrigues

" As pessoas também preocupavam-se muito... *para onde vamos agora?... o que vamos fazer?... com quem vamos encontrar e lidar com os vizinhos que não conhecemos? ...*"

TC 23.14-23.28

" e depois mais... consideravam-se sinceramente pessoas da aldeia, talvez com um complexo de inferioridade perante outros, como é normal, não é... *e agora como é que vamos lidar com a sociedade? Como é que vamos viver?*"

TC 23.29-23.42

" O meu pai contava, e eu também ainda presenciei qualquer coisa sobre isso... Veio para esta terra, para aqui, e que aprendeu muito, teve de aprender mesmo muito... para seguir os usos e costumes, mesmo no serviço de lavoura... e na terra."

TC 23.48-23.50

As pessoas dispersaram-se por outros lugares.

TC 23.51-24.02

A família de José Rodrigues encontrou nova casa junto á grande cidade de Braga, e foi aqui que ele montou o seu pequeno "museu etnográfico" com as peças que conseguiu trazer de Vilarinho.

TC 24.02-24.11

Reuniu uma colecção de memórias familiares, de diferentes utensílios usados diariamente pela sua família, como o assador de castanhas, e o penico.

TC 24.18-24.29

João Rodrigues também optou por uma casa perto de um centro urbano, onde não é preciso atravessar montanhas para chegar às escolas, aos hospitais, aos supermercados.

TC 24.32-24.43

O isolamento quebrou-se, e para lembrar Vilarinho também ele colocou pedras da sua casa da aldeia na sua nova habitação, como esta lage por cima da entrada do estábulo.

TC 24.44-25.07

João Rodrigues

“ Era a padieira dum portal, lá da entrada da nossa vivenda, que até foi feita pelo meu avô, avô materno, e que dava também para uma eira chamada a Eira de Baixo onde se malhava o centeio e depois aos domingos era onde se batia ali a cana verde e a chula com a concertina... ”

TC 25.07-25.09

“ a rapaziada entretinha-se por ali... ”

25.12-25.20

“ de gerações em gerações... eu também lá prestei o meu serviço, quer a dançar quer a tocar concertina também.”

TC 25.22-25.30

A menos de 10 quilómetros da barragem de Vilarinho, fica a nova casa de Teresa Trigo. Quis ficar perto da aldeia ancestral.

TC 25.31-25.44

Teresa Trigo

“ Parece que ainda temos um cheiro de Vilarinho... aquele cheirinho das serras, sei lá, aquele calor que a gente lá tinha, porque não encontramos outro calor igual e por isso é que eu escolhi aqui.”

TC 25.45-25.54

“ E estou satisfeita, nunca me esquece a minha terra, nem os meus vizinhos, mas o lugar acho que é bom.”

TC 25.55-26.02

“ Está a gente aqui perto de tudo: talhos... de tudo aqui... e perto da estrada... ”

TC 26.04-26.12

" e Vilarinho não esqueço mas também agora temos de deixar esquecer porque não voltamos para lá, mas não esqueço!..."

TC 26.16-26.20

" Ainda se respira aquele ar puro que lá dá."

TC 26.21-26.30

As saudades existem, mas as condições de vida melhoraram, e a própria região á volta das albufeiras do Cavado desenvolveu-se, graças ao turismo.

TC 26.30-26.41

O desaparecimento das terras de lavoura, ou de aldeias foi sentido como uma irremediável desgraça.. até as populações se aperceberem do benefício que daí podiam tirar.

TC 26.42-26.50

José Rodrigues

" Aquelas terras, realmente, mas muito em especial o São João do Campo, desenvolveram muito, podemos dizer, à custa de Vilarinho... à custa do que aconteceu em Vilarinho... "

TC 26.50-27.19

"porque muitas pessoas tiveram que... pronto... permaneciam ali para a construção, pessoas estabeleceram-se, criaram as suas pensôezinhas, as suas mercearias, os seus negócios e depois aquilo, claro, algumas pessoas da barragem construída acabaram por ficar por lá e ao serviço da HICA e de outras empresas e aquelas pessoas começaram, realmente, a desenvolver e depois mais tarde acabou por vir a grande força do turismo."

TC 27.20-27.24

Ficou Vilarinho barragem e morreu Vilarinho aldeia.

TC 27.25-27.31

Mas hoje, até os vizinhos podem sonhar com um destino semelhante para as suas terras.

TC 27.32-27.46

João Rodrigues “ Foi uma história verdadeira, um rapaz que mora ainda no concelho de Terra de Bouro, lá numas aldeias, concretamente a Levada, freguesia de Cibões e então o homem... tivemos os dois na tropa... na Guiné... também... ”

TC 27.46-28.21

“ e então eu lá estando um dia lá na casa dele, ele fez-me *Ó João, anda cá beber umas pingas e tal...* E eu vi aquilo, uma terrinha tão isolada e digo *Ó Tono*, a nossa linguagem, *Ó Tono, eu vou te dizer uma coisa: nós os de Vilarinho rezamos a uma santinha para não vir a barragem, mas eu agora vou-te receitar o contrário... vê-se lá tendes aqui um santinho que faça milagres, a ver se ele vos arranja também de vir para aqui uma barragem, para vos tirar desta solidão tamanha!...*”

TC 28.21-28.40

“ E ele, então, respondeu: *Ó João, estamos aqui tão bem... tu nem me fales nisso!... – Pois é, Tono, mas, olha, nós também estávamos muito bem em Vilarinho, mas foi enquanto não conhecemos uma coisa mais cómoda lá em baixo, pá... estarmos ao pé das coisas... claro que sempre com Vilarinho no coração, mas havias de ver que te esquecias da tua Levada também.*”

TC 28.41-28.47

Os habitantes perderam a sua terra e um estilo de vida comunitário que tinha resistido á passagem de séculos.

TC 28.48-28.53

Mas o povo de Vilarinho conseguiu encontrar novas formas de vida sem esquecer as suas raízes.

TC 28.54-28.58

Criaram uma associação, a AFURNA e um museu etnográfico.

TC 28.59-29.06

E nos estios em que secam as águas da albufeira a aldeia morta de Vilarinho reaparece.

FICHA TÉCNICA

Imagem: João Luis Azevedo

Som: António Garcia

Edição vídeo: Paulo Alexandre

Pesquisa Imagem: Luisa Vaz, Sofia Leite

Pós-produção audio: António Garcia

Produção: Ana Lucas

Programa: Sofia Leite

RTP 2005